



Mundaréu

Série Conexão

Episódio #1 - CONEXÃO: Tecnologias ancestrais

Roteiro: Irene do Planalto Chemin e Kauan Alves da Silveira Aristides

Audiodescrição das músicas: Veronica Martins da Silva

Revisão da transcrição: Irene do Planalto Chemin

Legenda:

Blocos

Trilha sonora

Bloco 1: Apresentação

[Música tema “Conexão”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas. A música inicia em evidência e depois fica ao fundo das primeiras falas do episódio]

KAUAN: Eu acho que tem que conectar esse fio aqui do microfone no celular...
Aí conecta aqui nessa rede Wifi... Deixa eu ver se a Samara já conectou na chamada...

SAMARA: Oi gente! Tudo bem? Cês tão me ouvindo?

KAUAN: Oi!! Bem-vindos ao primeiro episódio da série Conexão [efeito sonoro de choque e de plug-in], do podcast Mundaréu, produzido pelo Projeto de Iniciação Científica Nível Ensino Médio, vinculado ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp. Eu sou o Kauan, um homem de pele parda, cabelo ruivo e cacheado, sou um dos pesquisadores de Iniciação Científica do projeto, tô quase completando o ensino médio e minha matéria preferida é Português.

SAMARA: E eu sou a Samara, tenho 18 anos, eu sou uma mulher de pele preta clara, meu cabelo é crespo e eu uso óculos. Também sou pesquisadora do projeto, tô no 3º ano do ensino médio e minha matéria preferida é História. Mas, calma amigo, já começou o podcast mesmo? [efeito sonoro de flexatone] Eu ainda tô conectando meu fone de ouvido aqui. Esse é o nosso primeiro episódio do podcast então tudo é novidade! É aplicativo de edição de áudio, é equipamento de gravação, microfone... É tudo muito tecnológico! E o frio na barriga na hora da entrevista?

Bloco 2: Fonógrafo, ancestral do podcast

KAUAN: Falando em equipamento de gravação, a infraestrutura do nosso estúdio de gravação é ótima e esses microfones são top! Mas cara, com todas essas novidades, eu fiquei imaginando: como será que era o primeiro gravador de áudio? Quando ele foi criado?

[Trilha sonora Waltz in A minor, B 150, de Frédéric Chopin]

SAMARA: Então, o 1º gravador de áudio era chamado de fonógrafo! Foi criado em 1877...

KAUAN: Faz tempo, hein?

SAMARA: Nem tanto tempo amigo, foi há menos de 2 séculos atrás [risos]. O fonógrafo foi criado por Thomas Edison para a gravação e reprodução de sons.

KAUAN: Sei.. Como que era esse equipamento? Era feito do que?

SAMARA: Eram três peças que se juntavam para fazer o fonógrafo: um diafragma, que é uma fina lâmina de metal; uma agulha bem fininha, também de metal; e um cilindro, que podia ser feito de cera de abelha ou de algum metal mais flexível, então era meio maleável.

KAUAN: Tá, um diafragma, uma agulha e um cilindro [efeito sonoro de relógio].

SAMARA: Fecha os olhos e imagina aí: Quando uma onda sonora chegava no diafragma [som de um acorde no piano], ele vibrava, e aí a agulha vibrava junto. O cilindro ficava girando na frente da agulha [som do cilindro girando] e conforme ela vibrava ia fazendo um desenho de ondinhas no cilindro, que era o desenho do som mesmo [som de gravação antiga]. Então o desenho do som ficava ali gravado, e depois era só girar novamente o

cilindro que tava conectado na agulha e no diafragma que ele reproduzia e amplificava o som por meio de uma espécie de megafone, sem uso de eletricidade.. Conseguiu imaginar esse desenho feito pela agulha no cilindro?

KAUAN: Huumm.. Eu imaginei um desenho tipo quando a gente vai mandar um áudio no Whatsapp e aparece aquelas ondinhas sabe? Quando falamos [volume +] mais alto fica uma ondinha maior, quando [volume -] falamos mais baixo fica uma ondinha menor...

SAMARA: É tipo isso mesmo a visualização do som, porém de uma forma digital, no caso do Whatsapp né. Mas no fonógrafo era literalmente um desenho no cilindro, feito pela agulha. Escuta aí uma das primeiras gravações que se tem registro, mas já aviso que tá bem difícil de entender, é uma gravação velha né [risonha] de uns 130 anos atrás...

[Música gravada por fonógrafo antigo: The Fifth Regiment March, performed por Issler's Orchestra]

KAUAN: Meio difícil de escutar mesmo [risonho].

SAMARA: Pois é, e ainda tinha um detalhe: o cilindro não girava sozinho. Pro cilindro girar, uma pessoa tinha que girar uma manivela. Então, a reprodução do áudio mudava [efeito de acelerar] se a pessoa girasse mais rápido, [efeito de desacelerar] ou mais devagar, e às vezes ficava bem difícil de entender.

KAUAN: Nossa, era tipo acelerar os áudios que a gente tem no Whatsapp, só que numa versão manual mesmo.

[Trilha sonora Take the A train, por Duke Ellington e orquestra]

SAMARA: Exatamente. Depois teve o gramofone, que tocava discos de vinil, depois as fitas cassetes, que eram magnéticas.

[Trilha sonora Oslodum, composta por Gilberto Gil]

SAMARA: Depois os CDs e DVDs, feitos de laser.

[Trilha sonora Base de Funk Bolha Levada, produzida por DJ Criolo]

E atualmente, a música digital, armazenada na memória através dos bits, unidades de informação que navegam pela internet. Peraí! [som de relógio] Então, o fonógrafo é tipo o tataravô do gravador de áudio que a gente usa hoje.

KAUAN: Hahaha verdade. O fonógrafo é um ancestral antigo do gravador de áudio e até mesmo do nosso fone de ouvido. Pensando assim, será que podemos dizer que existem tecnologias ancestrais?

[Música tema “Ancestrais”: sequência melódica rítmica conduzida por um congo, trazendo uma influência afro-latina. Diferentes tons de percussão criam uma melodia instigante e profunda]

SAMARA: Eu acho que a gente pode, amigo. Cada pessoa tem seus ancestrais, e as tecnologias talvez tenham seus ancestrais, também. Por exemplo, eu sou uma menina negra, então minha ancestralidade preta é muito importante pra mim e através disso eu me conecto mais com minha família, com minha espiritualidade e até comecei a ver as tecnologias de forma diferente.

KAUAN: Faz todo sentido isso, eu também sempre busco ouvir histórias da minha família pra me conhecer melhor, e também busco me conectar pelas redes sociais com a parte da minha família que tá longe, morando em outros estados. Eu acho que é uma ótima forma de usar a Internet pra me conhecer melhor, sabe?

SAMARA: Juro. Na nossa série, a gente vai conversar sobre várias formas de ver as tecnologias, principalmente sobre o que os jovens fazem com as tecnologias. Queremos falar sobre redes sociais, sobre os algoritmos, sobre as fotografias, e o que a gente pode fazer com tudo isso. Afinal, quando pegamos um celular, a gente tá com vários poderes em nossas mãos, né?

KAUAN: É, na nossa pesquisa a gente foi percebendo que as tecnologias são tipo poderes mágicos: [diversos efeitos sonoros que remetem à poderes mágicos] tem potencial, tem força, tem velocidade, tem mistério, tem artifícios.

SAMARA: As tecnologias nos trazem poderes e responsabilidades.. E não estamos parafraseando o Homem Aranha, gente! Até porque, se a gente quisesse se inspirar em alguma ficção, seria Wakanda [Trecho musical do filme Pantera Negra]. Só que menos de

Hollywood e mais do Brasil, as tecnologias que nós jovens queremos imaginar a partir daqui do nosso país.

[Música tema “Conexão”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

KAUAN: A gente foi mapeando essas imaginações, rastreando esses poderes e tecnologias. Vamos compartilhar tudo com vocês aqui na série Conexão. Então, continua conectade com a gente!

Bloco 3: Tecnologias ancestrais

SAMARA: Conectar é criar relação, estabelecer uma comunicação. A gente se conectou com pessoas muito legais ao longo das nossas entrevistas...

KAUAN: E a cada entrevista a gente se tornou mais poderoso, através dos conhecimentos que fomos aprendendo. Pensando naquela ideia de tecnologias ancestrais, fomos conversar com o Pedro Anansi.

SAMARA: Ele é um mestre em Divulgação Científica e Cultural, pedagogo, idealizador do Anansi.Lab, que é um laboratório de letramento racial transmídia.

PEDRO: Olá, obrigado pelo convite primeiramente, da hora estar trocando essa ideia aqui.

KAUAN: Primeiro, a gente sempre pede pro convidado fazer sua audiodescrição, pra vocês ouvintes irem acompanhando tudo!

PEDRO: Bom, eu sou um homem negro de pele clara, tenho dreads longos até a até a cintura.

SAMARA: Matéria preferida na escola?

PEDRO: Gostava muito de educação física, assim. Mas acho que principalmente porque saía da sala de aula, assim, tá ligado? [risos] Mas dentro da sala de aula, acho que é história. História eu gostava bastante.

KAUAN: Perguntamos ao Pedro o que são tecnologias ancestrais na visão dele.

PEDRO: Esses conhecimentos de acesso ao mundo espiritual, de conexão interpessoal entre as pessoas, mas também com os outros seres que habitam essa terra, acho que é o que é a tecnologia ancestral para mim. Como é que as pessoas se conectavam entre elas e com o mundo espiritual, sem precisar, sei lá, de um computador necessariamente, sabe? Usando um tambor, sei lá... [Trilha sonora de tambor em ritmo lento] Mudando a perspectiva assim e em suma que não seja para aumentar a produtividade ou lucro, que seja para o bem-estar.

SAMARA: O Pedro trouxe uma reflexão muito interessante, pensando o que a gente geralmente considera como tecnologia, tipo computador, celular e tal, e comparando com as tecnologias ancestrais. Escuta só:

PEDRO: Bom, a palavra tecnologia, né? A técnica, o argumento ali, o raciocínio, tal, a junção dessas duas coisas para uma aplicação direta, né, cotidiana, objetiva. Num contexto capitalista, a tecnologia, ela vai ser desenvolvida para aumentar a produtividade, né, para diminuir os custos, para aumentar o lucro. E aí quando eu penso em tecnologia ancestral, ela vai questionar isso e vai num caminho a tentar subverter essa lógica produtivista do lucro, né? Então, a gente, né, desenvolveu microfones como esses, computadores como esses, com memória, com conexão [efeito sonoro de eletricidade] com várias coisas. Mas a tecnologia ancestral, eu acho que ela tá preocupada em desenvolver habilidades internas nossas, né, habilidades que a gente já tem. Então, por exemplo, a oralidade. A oralidade, pela maior parte da história da humanidade, foi a forma das gerações saberem os acúmulos que já tinham acontecido durante milhares de anos, né? Hoje a gente tem a possibilidade de registrar em áudio, de registrar em vídeo, registrar de várias formas e armazenar isso fora da gente, né? Num computador que tem que esteja aqui ou que a gente acesse através da internet. Mas essas tecnologias da oralidade, por exemplo, e da memória, já que a gente tá falando dessa memória do computador, eu acho que são coisas muito importantes para pensar o que que é essa tecnologia ancestral.

[Música tema “Ancestrais”: sequência melódica rítmica conduzida por um congo, trazendo uma influência afro-latina. Diferentes tons de percussão criam uma melodia instigante e profunda]

KAUAN: Nossa, eu gostei muito do que ele disse sobre as tecnologias ancestrais nos ajudarem a desenvolver nossas habilidades internas, sabe?

SAMARA: Sim sim, amigo, eu também gostei muito! E tipo como a oralidade, a comunicação, tem muito a ver com isso. São novas formas de pensar as tecnologias...

PEDRO: Mas eu acho que essa consciência, né, do que é a tecnologia, de como a gente pode reinterpretar essas palavras hackear esses sentidos, sabe? **Se apropriar dessas coisas, desses desenvolvimentos milenares, tradicionais, podem fazer a gente mais feliz.**

KAUAN: **Às vezes ficamos tão imersos em um conceito de tecnologia baseada em telas, botões e fios que acabamos não enxergando a nossa própria comunicação como algo tecnológico.**

[Música tema “Conexão”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

SAMARA: **A nossa segunda convidada pra esse episódio é a Yalaxé Fabiana.**

FABIANA: Olá, obrigada pelo convite. Aqui quem tá falando é Fabiana Grande, eu sou Yalaxé. Sou herdeira de um terreiro de uma casa de Candomblé. Também sou psicóloga já há mais de 10 anos e minha especialidade cada vez mais vem tecendo a temática do racismo e a saúde mental de terreiro. Bom, eu sou uma mulher negra, eu estou com cabelo trançado, e estou gestante de 5 meses nesse exato momento **[efeito sonoro que remete a leveza e brilho]** de uma de uma menina.

KAUAN: Matéria preferida na escola...

FABIANA: História. Sempre me apeguei muito aos detalhes. E a história sempre me, me brilhou, assim um pouco. E aí fui entendendo o porquê cada vez mais, as histórias que deixaram de ser contadas durante o ensino médio sobre a ancestralidade negra e que eu comecei e desde pequena, né, ouvia dentro do espaço, ali, de terreiro...

KAUAN: Você que tá nos ouvindo, sabe o que é uma Yalaxé? A Fabiana te explica.

FABIANA: Yalasé é a mulher responsável em cuidar e perpetuar dos axés, [trilha sonora de tambor em ritmo lento] significa axé é ensinamento de todos os ensinamentos mais importantes que uma casa de Candomblé, ou que um terreiro, né? Tem para permanecer a sua vivência, permanecer dividindo a sua ancestralidade. Então, em algum momento, meu pai hoje, graças aos Orixás, ele está vivo. Desde quando eu nasci, estou sendo preparada para, quando ele não estiver, assumir o lugar dele como Yalorisá. Mas atualmente estou como Yalasé, e esse lugar me faz dividir o conhecimento. Então, sempre, para onde eu vou, eu cresço e contribuo. O papel da Yalasé é você aprender e dividir, para que a sua comunidade continue perpetuando aquele saber. Em algum momento eu vou passar esse cargo para minha filha e minha filha vai passar para a filha dela, que vai ser minha neta e uma forma de conhecimento não morrer. Essa tecnologia não vai morrer.

SAMARA: Como ela falou, ela cresceu em espaços de terreiro e é herdeira da casa de Candomblé Ilê Omì Aladó. A gente perguntou se existe alguma tecnologia na família dela que seja passada de geração em geração.

FABIANA: Sim, existe. Para falar da minha família, eu tenho que falar do meu povo. Estou aqui representando o meu povo negro ancestral. Então, quando os negros foram tirados de forma violenta do continente, sem poder carregar nem mesmo sobrenome, a única tecnologia e a mais importante que vem sido perpetuada de geração a geração é o conhecimento. Então, a tecnologia, para quem tem o ponto de vista ancestral negro, entende que é o conhecimento através da oralidade.

KAUAN: A Yalasé Fabiana nos explicou que a oralidade, a fala, a comunicação, são formas de contar histórias que por muito tempo foram silenciadas... funcionando como um meio para nos conectarmos com as pessoas que vieram antes de nós e ao mesmo tempo preservar anos de aprendizados.

FABIANA: Ó, uma das coisas que mais aconteceu para os nossos ancestrais, né, negros no Brasil, foi o silenciamento. Então, a nossa história foi silenciada, foi apagada através da gente não ter direito de resposta. O que a gente tá fazendo exatamente nesse momento é o contrário do silenciamento. A gente tá usando da comunicação para descobrir quem nós somos. Então, a fala vem através da fala de um livro, a fala de um filme, a fala do senso de comunidade, a fala dentro de uma musicalidade de uma roda de samba [cavaquinho em roda de samba], a fala de uma história de uma capoeira [berimbau e tambores em roda de capoeira].

SAMARA: A fala de um podcast...

KAUAN: A Yalásé Fabiana também comentou de várias outras tecnologias ancestrais ao longo da entrevista, como a música, a culinária...

FABIANA: A natureza para a gente é a maior tecnologia que a gente tem para ensinar nas nossas crianças [som de poder mágico]... A dança para gente é uma outra tecnologia de você acessar o seu corpo, além de tecnológico, é também processo de cura [som de poder mágico]... Uma das maiores tecnologias de uma pessoa preta é o senso de comunidade [som de poder mágico], porque foi o que salvou a vida de muitos, né? Você estando sozinho, você não se sente tão forte, não, você não cria tanto sentido quanto você tá junto, né?

SAMARA: Estar junto com a natureza e com as nossas comunidades, isso é um poder de conexão! [efeito sonoro de sistema computacional] Perguntamos pra ela quais tecnologias os jovens poderiam aprender com os mais velhos, e quais são os nossos maiores desafios atualmente...

FABIANA: Ou você aprende com o erro dos outros, ou você aprende com o seu erro. Então escutar o mais velho e perpetuar a sabedoria do mais velho é imprescindível para nossa forma de vivência e na nossa forma de atuação tecnológica. Então, dentro do candomblé, a gente fala: "Sem o mais velho, a gente não sobrevive, mas também sem uma criança, a gente morre".

[Música tema "Ancestrais": sequência melódica rítmica conduzida por um congo, trazendo uma influência afro-latina. Diferentes tons de percussão criam uma melodia instigante e profunda]

KAUAN: Então, um dos nossos desafios é aprender a escutar os nossos mais velhos. Mas tem outros...

FABIANA: É o maior desafio do jovem é confiar em si mesmo. Porque a todo tempo uma sociedade capitalista eurocentrada vende um tipo de cabelo, um tipo de corpo, um estereótipo, formações específicas que vão lucrar mais. Então, se aquele jovem de alguma forma tem uma insegurança, ele facilmente vai reproduzir uma identidade que não é dela, que não é dele. Um jovem que se identifica com a cultura negra que já consegue se enxergar como uma pessoa negra, esse jovem tem que se conectar com alguma situação

relacionada à cultura ancestral negra. Então, ou pela capoeira, ou pela musicalidade, podendo ser também o hip-hop, podendo ser também o samba...

[Música tema “Conexão”: trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas]

KAUAN: A conexão nos traz muitas coisas boas, mas também precisamos ficar ligados nos momentos que precisamos desconectar do digital para focar em nós mesmos, na nossa vida fora do celular, no tipo de pessoa que queremos ser sem necessariamente usarmos as redes para isso.

FABIANA: Rede social, essa tecnologia, é, que acelera e aproxima as informações de inúmeros lugares diferentes do mundo, é bom a gente acessar. Mas para quem tem uma identidade negra, não pode também deixar de acessar comunidades, tecnologias que são comunidades presenciais. Então assim, para quem tá me escutando, para vocês que estão aqui, vocês são jovens: acesse as duas as duas tecnologias para que haja um equilíbrio. Hoje no Brasil não é um país majoritariamente branco, nem maj.. É um país miscigenado. Então, trabalhe o equilíbrio, acesse as duas informações, saiba usufruir das duas informações, para que você consiga entrar e sair de todos os ambientes e você saber qual que é o ambiente que realmente faz mais sentido e frequentar mais aquele do que o outro. Então, a rede social, ela tem que ser acessada mas com muito cuidado e consciência de que a rede social não é quem você é.

SAMARA: Sabemos que as redes sociais hoje em dia fazem parte da construção da nossa identidade. Mas... e se a gente desligar o celular e aprender com as vivências do nosso cotidiano?

FABIANA: Hoje, a gente fala: "Quem é lembrado, sobrevive". Porque se eu grito, se eu tenho um celular na mão, se eu começo a filmar uma violência que tá acontecendo ali, aquele policial vai pensar duas vezes em matar aquele jovem, porque ele tá sabendo que várias pessoas tão filmando. Então, tô usando da comunicação para me proteger.

[Trilha sonora Base de Funk Bolha Levada, produzida por DJ Criolo]

FABIANA: Então, por isso que eu falo: "Saia do fundo da sala de aula, abra a boca e trabalhe a sua comunicação". Vai estudar comunicação, vai estudar literatura, através do filme, vai trabalhando, vai trabalhando, vai trabalhando... Até que você não precisa saber o que você quer, mas você precisa saber primeiro quem você é. Porque uma vez que você sabe quem você é, você sabe que as outras culturas estão para somar, para aprender, para entender melhor o mundo. Mas o seu mundo, você já sabe qual é.

[Música tema "Conexão": trilha sonora com forte influência do hip hop e do funk periférico. Batida grave, seguida por um baixo eletrônico pulsante. Estalos secos e rítmicos que marcam os momentos da música e mantêm a energia constante. Ao fundo, sintetizadores sutis preenchem o espaço com camadas eletrônicas minimalistas. A música começa aos poucos e vai ganhando espaço, permanecendo ao final das falas até o encerramento do episódio]

Bloco 4: Encerramento

KAUAN: Um poder que podemos criar a partir das tecnologias ancestrais é o poder de conexão. Estarmos conectadas com quem somos, com a história de nossa família e das regiões por onde nossos ancestrais passaram, é uma forma de estarmos conectados com o mundo. Conectar é criar relações, tanto com aquelas histórias que a gente se identifica, quanto com aquelas que são diferentes das nossas. Conectar é comunicar, passar mensagem para as pessoas que precisam escutar e se conectar com a gente.

SAMARA: Mas será que a conexão com todo mundo e a todo o tempo é bom? O poder de conexão é sobre a qualidade da frequência. Quantidade não é qualidade, então pensa: nem toda informação é pra todo mundo saber. Se desconectar também pode te trazer vivências e informações muito interessantes pra conectar depois. Às vezes você pode estar conectada a milhares de pessoas numa rede social e mesmo assim se sentir sozinha. E pode ter uma conexão que vai mudar sua vida.

KAUAN: E você que tá nos escutando, conseguiu pensar em alguma tecnologia que existe na sua família e é passada há várias gerações?

SAMARA: Fica conectado com a gente nos próximos episódios, vamos mapear mais poderes tecnológicos e queremos compartilhar tudo com você!

KAUAN: A série Conexão foi produzida pela pesquisa “Acessos e usos da internet por adolescentes”, vinculada ao Labjor da Unicamp, com apoio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio. Participaram do projeto e apresentaram os episódios: Geovana Luna dos Santos, Kauan Alves da Silveira Aristides, Raylane Souza, Samara Lopes de Oliveira e Veronica Martins Da Silva. A Irene do Planalto Chemin fez a coordenação da série. A Daniela Mânica, Clarissa Reche e Fernanda Mariá colaboraram na produção. Agradecemos à todas elas. Você pode acessar mais informações em: mundareu.labjor.unicamp.br